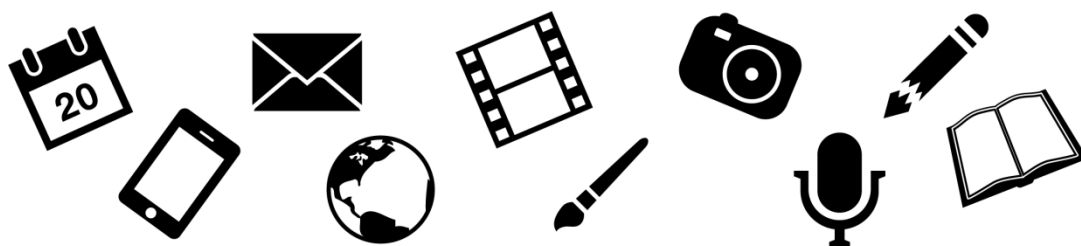




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agecom
Agência de
Comunicação
da UFSC

17 de setembro de 2013

Notícias do Dia

Caderno Plural

“Seminário: Fazendo Gênero”

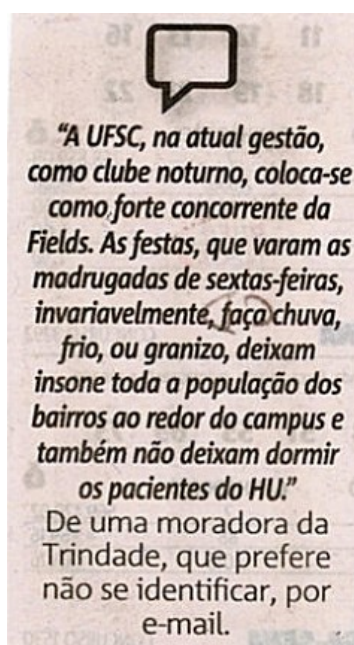
10ª Edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero / UFSC / Udesc / Tema *Desafios Atuais dos Feminismos*



Notícias do Dia

Carlos Damião

UFSC / Festas noturnas / Perturbação à população dos bairros ao redor do campus / Pacientes do HU



Diário Catarinense – Geral

“Vestibulares 2014: Instituições abrem prazo de inscrição”

Vestibulares 2014 / Udesc / Instituto Federal Catarinense – IFC / Sistema Acafe /
Inscrições / UFSC / Edital

VESTIBULARES 2014

Instituições abrem prazo de inscrição

Quem quer entrar para um curso superior em 2014 deve ficar atento. Ontem foram abertos ao público três dos maiores processos seletivos do Estado: Universidade do Estado de SC (Udesc), Instituto Federal Catarinense (IFC) e o sistema Acafe, que inclui 15 instituições. Ao todo, são oferecidas quase 18 mil vagas entre cursos pagos e gratuitos.

Na Udesc, o processo seleciona candidatos para 1.237 lugares em 46 cursos gratuitos de graduação, em 11 unidades pelo Estado. No IFC, os candidatos irão disputar 573 vagas para cursos superiores de tecnologia, bacharelado e licenciatura, além de 1.985 cadeiras em cursos técnicos para pessoas que cursam ou já cursaram o ensino médio. Na Acafe, estão sendo oferecidas quase 16 mil vagas em faculdades privadas. A Universidade Federal de Santa Catarina deve lançar edital neste mês.

Serviço

- **Udesc:** inscrições de 16/9 a 14/10.
Prova em 10/11
- **Acafe:** inscrições 16/9 a 18/10.
Prova em 24/11
- **IFC:** inscrições 16/9 a 5/11.
Provas em 1/12 (vestibular) e
8/12 (Exame de Classificação)
- **UFSC:** Não lançou o edital.
Prova em 14, 15 e 16 de dezembro

Construção do veleiro Expedição Científica Oceanográfica – ECO / Alunos e professores do curso de Engenharia Mecânica da UFSC / Estaleiro improvisado no Sapiens Parque / Pesquisadores do curso de Oceanografia da UFSC / Viagens de pesquisa aos polos / Agência Brasileira de Inovação- Finep / Coordenador do projeto, Jair Carlos Dutra / Professora do curso de Oceanografia, Andrea Santarosa Freire / Parcerias com a Univali e com a Unisul

Reportagem Especial

MADE IN UFSC

Um barco para

Instituição de SC será a primeira no Brasil com veleiro para pesquisa totalmente construído por professores e alunos

EMANUELLE GOMES

Ao mesmo tempo que transpõe as barreiras impostas pelo mar, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) está prestes a fazer a diferença em dois ramos importantes de pesquisa no país. Em setembro de 2014, um veleiro construído por alunos e professores da Engenharia Mecânica, em um estaleiro improvisado no Sapiens Parque, em Florianópolis, poderá se deslocar até os polos com pesquisadores do curso de Oceanografia.

O veleiro, denominado de ECO (Expedição Científica Oceanográfica), é o único no Brasil que vai possibilitar uma estrutura completa para experimentos e coleta de material em expedições.

Com isso, o curso de Oceanografia da UFSC, com apenas cinco anos de existência, será o terceiro do Brasil a ter um barco para ensino, pesquisa e extensão. Apenas a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de Rio Grande (Furg) têm embarcações para esse fim no país. A USP, por exemplo, fez a compra de dois barcos, mas não são veleiros e nenhum deles foi construído pela universidade.

O veleiro catarinense recebeu recursos de R\$ 1,5 milhão da Agência Brasileira de Inovação (Finep). Além de ser construído por alunos, a embarcação terá a aplicação de equipamentos desenvolvidos pelo departamento de Engenharia Mecânica.

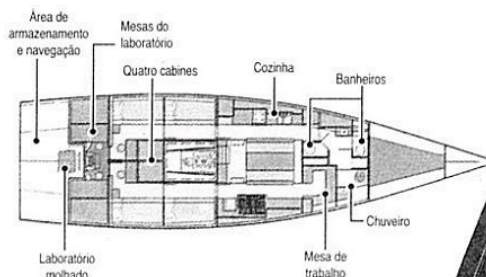
As aparelhagens de solda, por exemplo, foram construídas dentro da universidade. Essa é a maior obra do departamento – disse um dos coordenadores do projeto Jair Carlos Dutra.

Quando estiver pronto para ir ao mar, o veleiro também deve preencher uma grande lacuna e diminuir os gastos da universidade. A UFSC gasta R\$ 3 mil com aluguel de embarcações apenas para o ensino de disciplinas da Oceanografia. Segundo a professora do curso Andrea Santarosa Freire são cerca de 20 saídas para o mar no semestre. Um investimento de mais de R\$ 120 mil por ano.

A partir da 3ª fase, quase todas as disciplinas precisam de treinamento de alunos em atividades embarcadas. É inadmissível um curso de Oceanografia não ter um barco – comentou a professora.

Por esse motivo, o curso já fechou parcerias. Alunos da Universidade do Vale do Itajaí (Univali) e da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul) poderão usar o veleiro. Com isso, todas as graduações com enfoque no mar em SC sairão ganhando.

CARACTERÍSTICAS DO VELEIRO

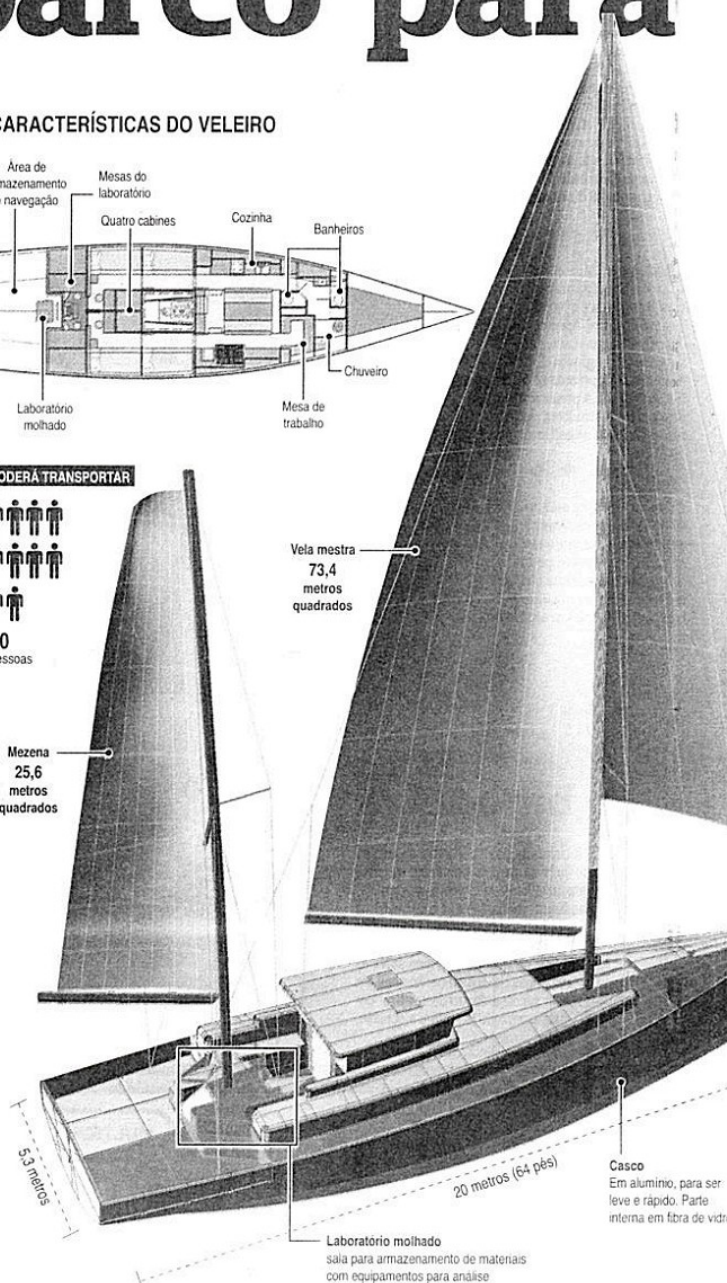


PODERÁ TRANSPORTAR



Mezena 25,6 metros quadrados

Vela mestra 73,4 metros quadrados



5,3 metros

20 metros (64 pés)

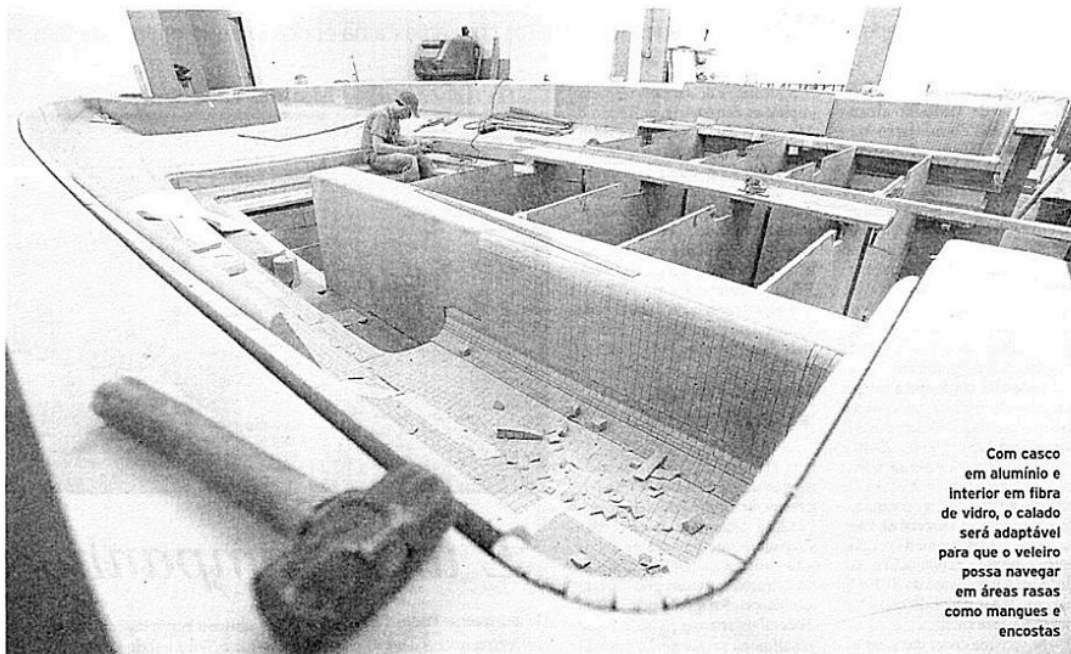
Casco Em alumínio, para ser leve e rápido. Parte interna em fibra de vidro

Laboratório molhado sala para armazenamento de materiais com equipamentos para análise

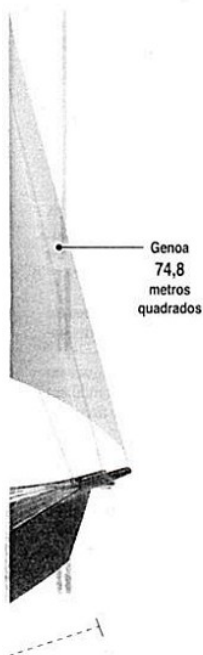
chegar aos polos

O QUE FALTA CONSEGUIR

- ▶ **Motor híbrido**
Propulsão 150 kW com autonomia de até 6,5 mil milhas náuticas (mn) a velocidade de 3 nós e média de 5 mil mn a 6 nós, com banco de baterias de 80 kW, estimando a utilização de 5 kW adicionais para consumo geral
- ▶ Sistema de regeneração a partir da hélice com potencial até 15 kWh
- ▶ Sistema de geração solar e eólico auxiliares



Com casco em alumínio e interior em fibra de vidro, o calado será adaptável para que o veleiro possa navegar em áreas rasas e encostas



Genoa
74,8
metros
quadrados

Calado

A parte que fica embaixo d'água – tem tamanho ideal para que possa entrar em áreas rasas, como mangues e encostas

Projeto considerado inovador busca parceiros

O barco foi concebido para ser inovador. Com casco em alumínio e interior em fibra de vidro, o calado – parte que fica embaixo d'água – será adaptável para que o veleiro possa entrar em áreas rasas, como mangues e encostas.

– Ele é resistente o suficiente para chegar nas regiões polares – disse o professor Jair Carlos Dutra.

A certeza é reforçada por quem integra a força-tarefa de construção do barco. Ela iniciou em 2011 com dissertação de mestrado do aluno de Engenharia Mecânica Cleber Marques, que continua no projeto, agora como doutorando. Andrea Piga, também aluno de doutorado, foi quem realizou as adaptações necessárias no projeto básico feito por um projetista francês, chamado Olivier Petit. Eles e outros alunos, inclusive de graduação, recebem consultoria frequente do engenheiro José Oscar

Benitini, que ajudou a projetar o veleiro de Amir Klink – velejador conhecido no mundo por expedições como viagens à Antártica.

A ideia era de que o motor fosse híbrido: a diesel e elétrico. No entanto, o recurso do Finep não foi suficiente para concretizar o planejado. Segundo Dutra, o barco, que no início seria de 40 pés, teve que passar para 60 pés e a mudança consumiu a verba disponível. Para que o motor híbrido seja possível será preciso investir mais de R\$ 600 mil. O veleiro teria de armazenar meia tonelada de baterias, que seriam carregadas por energia solar, eólica e por turbinas. O custo elevado é devido à falta desses equipamentos no Brasil. Por enquanto, o veleiro terá motor convencional.

– Buscamos uma empresa que possa patrocinar. Vamos fazer dessa forma, mas podemos mudar depois para o elétrico – ressaltou Dutra.



A maioria dos professores da Oceanografia já faz pesquisa em locais como a Antártica, então não é inviável pensar em uma expedição.

ANDREA FREIRE
Professora de Oceanografia

Verbas para a pesquisa

A professora Andrea Santarosa Freire relata que como a pesquisa na área de oceanografia depende dos aluguéis de barcos, os recursos são em grande parte consumidos com o transporte e menos com a execução dos projetos. O veleiro, na percepção da professora, vai melhorar as condições de trabalho do curso e colocar a UFSC em destaque no cenário nacional.

– Estamos torcendo para que ele entre na água o mais rapidamente possível. Vamos equipar e depois começar a usá-lo para ensino – afirmou.

Em um segundo momento, não está descartada a possibilidade de viagens mais longas. A maioria dos professores do curso já faz pesquisa em locais afastados, como a Antártica.

Os envolvidos no projeto se preparam para, no dia 30, iniciarem a construção de rodas que ajudarão, por volta do dia 10 de outubro, a colocar o veleiro em posição. O momento mais esperado – colocar o barco no mar – ficará para o ano que vem.

Profissão: Jornalismo

Na bancada com Renato Igor

GABRIEL ROSA

gabriel.rosa@diano.com.br

Em tempos de redes sociais, qualquer pessoa é um produtor de conteúdo. Uma foto aqui, uma crítica ali e uma denúncia compartilhada gera dúvida entre os profissionais da comunicação: afinal, qual é o papel do jornalista neste redemoinho de dados e acusações desencontradas que a internet têm proporcionado? Responsável pela verificação das informações que circulam sem compromisso com a veracidade, o jornalista tenta reencontrar seu papel de fiscalizador, e bola novas maneiras de se aproximar do público. Para conhecer mais sobre a profissão, os vestibulandos Marina de Melo e Luiz Fernando Platt Carreirão tiveram um bate-papo com o jornalista do Grupo RBS Renato Igor, radialista na CBN Diário, apresentador da TVCOM e responsável pela cobertura de importantes eventos internacionais.



Marina de Melo e Luiz Carreirão estiveram com o comunicador do Grupo RBS Renato Igor (centro), no estúdio da TVCOM

O bate-papo

“

O povo está mais vigilante com o governo, com o poder, com a imprensa. Isso é extremamente positivo.

RENATO IGOR
radialista na CBN
Diário, apresentador
da TVCOM

Marina de Melo – Você acha que o jornalismo está em decadência desde o surgimento da internet?

Renato Igor – Pelo contrário, a profissão está ainda mais em evidência nos últimos anos. Talvez o formato do jornalismo como o conhecemos esteja caindo em desuso, mas mais do que nunca há uma imensidão de informações erradas circulando por aí. O papel do jornalista continua o mesmo: buscar a informação correta em meio a toda essa bagunça. Temos também que encontrar maneiras de atrair o público jovem, que atualmente se sente distante do jornalismo da forma que ele é feito. Agora, como fazer isso é uma questão que ainda não sabemos a resposta.

Luiz Fernando Platt Carreirão – Como o

jornalista lida com a separação entre notícia e opinião?

Renato Igor – Estas são coisas completamente diferentes. A notícia feita com técnicas de apuração, de escrita, é selecionada a partir de critérios de relevância e tem um compromisso muito maior com uma suposta “verdade” – ainda que saibamos que toda notícia é um ponto de vista, é a observação particular de um repórter que só viu uma parcela do acontecimento. Já o comentarista adjetiva a informação, dá sua opinião, e não precisa ficar preso ao relato sóbrio e objetivo como a notícia. Por isso mesmo que ele precisa ter uma grande base antes de virar comentarista e conseguir discutir sobre mais assuntos.

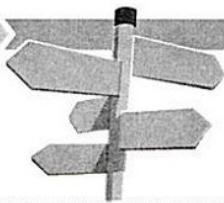
Marina – Em qual área do jornalismo

você aconselha o jovem se especializar?

Renato Igor – Na área que ele mais gostar. Hoje, vivemos na área da especialização da especialização: um jornalista esportivo com curso de arbitragem, por exemplo, provavelmente vai produzir um conteúdo melhor quando for falar sobre a conduta de um juiz de futebol. É claro que você tem que conhecer outras questões importantes, e não se fechar na sua especialidade. Eu, por exemplo, comecei focado no esporte, mas hoje praticamente não me ligo mais no assunto. Ao mesmo tempo, todos somos multímedia e ninguém faz mais só televisão, só rádio ou só jornal. Essa convergência é uma vantagem para as novas gerações que estão chegando ao mercado, pois já conseguem enxergar todos os meios como uma coisa só.



Por dentro da Profissão



diario.com.br/vestibular

Gostou da ideia de visitar um profissional para saber mais sobre a graduação que você pensa em cursar? Convide um amigo que quer seguir a mesma carreira e mande um e-mail para vestibular@diario.com.br. Não esqueça de incluir nome, telefone e curso pretendido.

OPÇÕES DE ATUAÇÃO

Apesar da clássica imagem do repórter ou do fotógrafo, a profissão oferece diversas outras opções inclusive para recém-formados. As assessorias de comunicação e os media-training, por exemplo, têm se fortalecido devido à superexposição das marcas nas redes sociais e da facilidade de se criar informação com fotos e vídeos – algo que, há dez anos, era um processo muito caro. Os profissionais autônomos também têm se multiplicado em pequenas redações ou agências noticiosas, e até mesmo a mídia independente tem repercutido na agenda política do país, apesar de ainda não ter se consolidado financeiramente.

DISCIPLINAS E TEMPO DE DURAÇÃO

Ao contrário da maioria dos cursos do Brasil, o Jornalismo da UFSC não é uma habilitação de Comunicação Social. O foco na prática jornalística é muito maior, e o aluno tem contato com disciplinas específicas desde o começo da graduação: são sete cadeiras de Redação, além de Redação para TV, para Rádio e para Internet. Há também cadeiras de Fotojornalismo, Teoria da Comunicação, Políticas de Comunicação, Teoria do Jornalismo e Jornalismo Online. "O currículo tenta equilibrar disciplinas práticas com teóricas, mas é importante o aluno saber que as duas andam juntas, são diferentes visões sobre a profissão e a comunicação em geral", explica o coordenador do curso da UFSC, Aúreo Mafra Moraes. O curso dura quatro anos, sendo o último semestre reservado para o trabalho de conclusão que pode ser em vários formatos: livro-reportagem, reportagem para televisão, para rádio, monografia acadêmica, novos meios, entre outros.

O QUE É MAIS GRATIFICANTE

O objetivo do jornalismo é informar a população, então a resposta positiva da sociedade é a parte mais gratificante do trabalho. Como explica Renato Igor, "o jornalista tem que trabalhar muito, então precisa se sentir bem fazendo o que faz. Ele tem que gostar de verdade da notícia". O dia a dia é pouco repetitivo nas redações, o que faz a profissão mais envolvente. Por fim, estar no centro dos acontecimentos, vendo as coisas acontecerem em tempo real, também costuma ser uma qualidade levantada pelos profissionais.

DO QUE PRECISA GOSTAR

Antes de tudo, o jornalista precisa ser alguém comprometido com a informação. Isso significa ética e honestidade – afinal, uma mentira ou um erro causado pela má apuração podem comprometer a carreira de um profissional de maneira irreparável. Como explica o coordenador do curso de Jornalismo da UFSC, Aúreo Mafra Moraes, "a nova geração já nasceu na era da internet e consegue enxergar a mídia de uma maneira diferente, mas os valores básicos da profissão não mudaram. É preciso ter uma visão equilibrada das novas tecnologias, não podemos ser tão restritos a ponto de achar que facilidade pra informática já é o bastante". Moraes também destaca que é preciso gostar de ler, ainda que o curso tenha várias disciplinas focadas na prática e com bibliografias pequenas.

SALÁRIO INICIAL

Atualmente, o piso salarial do jornalista é definido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Em SC é de R\$ 1.535 para uma carga de cinco horas. Em alguns estados, o piso muda de acordo com a área de atuação (assessoria, jornal, rádio, televisão) ou com a região: no RS, o piso na Capital é de R\$ 1.690, e no interior é de R\$ 1.425. Para o comunicador Renato Igor, para ter rendas mais altas com o jornalismo é preciso bastante iniciativa pessoal e empreendedorismo. "Depende de você ganhar bem. Não é uma das profissões mais valorizadas, mas também não é voto de pobreza, é preciso criar 'produtos' e botá-los na rua, tentar coisas diferentes".

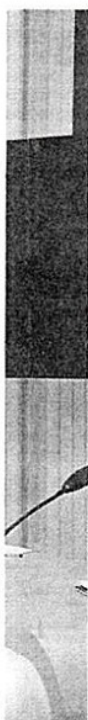
MERCADO DE TRABALHO

Em 2008, o Supremo Tribunal Federal retirou a determinação que obrigava um diploma em Jornalismo para se exercer a profissão, mas percebe-se que as redações continuam buscando profissionais formados. Uma pesquisa de 2012 feita pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC e pela Fenaj mostra que nove em cada dez jornalistas brasileiros têm diploma na área. A internet também tem tirado uma parte considerável do público da TV e dos jornais, mas a maneira de se ganhar dinheiro online ainda é uma incógnita no mundo inteiro. Isso tem causado enxugamentos em algumas das maiores redações do mundo e tentativas de se fazer novas formas de jornalismo surgem por todos os lados.



Vestibulandos também acompanharam a rotina dos jornalistas na redação da RBS TV

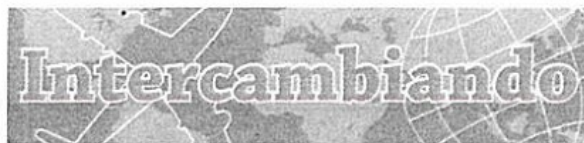
ORGANIZE SEU ANO



VESTIBULANDO/RODOLFO SOUZA

Diário Catarinense
Caderno Vestibular - Intercambiando
"Anney - França"

Aluna do curso de Jornalismo da UFSC, Patrícia Pamplona / Anney / França / Curso de Informação e Comunicação / Université de Savoie



Anney França

A estudante de Jornalismo da UFSC Patrícia Pamplona saiu de Florianópolis para passar um ano no leste da França, na pequena cidade de Anney, e estudar no curso de Informação e Comunicação da Université de Savoie. A graduanda fez um estágio num jornal e teve a chance de ver muita neve e esqui, mas mesmo assim previne os mais ansiosos:

– Fazer intercâmbio não é fácil. Tem a despedida, a adaptação, a saudade da família, do lar, da comida da mãe. Mas tem a parte boa, conhecer pessoas de todo mundo, fazer amigos nos quatro cantos que, dificilmente vamos ver de novo, mas eles têm um lugar especial no coração. E tem a melhor parte: o autoconhecimento.

Confira a experiência de Patrícia:



PLANEJAMENTO

O sonho de fazer intercâmbio começou desde que meu irmão estudou um ano na Espanha. Na verdade, a ideia era fazer o ensino superior na França, pois já fazia aulas de francês. Como decidi cursar Jornalismo aos 14 anos, comecei a pesquisar as instituições de ensino. Com o passar do tempo, vi que era um pouco imatura para ir com 18 anos estudar sozinha em outro país. Além disso, a faculdade em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina é renomada no Brasil e, morando desde sempre em Florianópolis, não tinha porque sair daqui naquele momento. Então, a ideia de fazer o ensino superior se transformou em um ano de intercâmbio, ainda na França.

ESCOLHA

Decidi ir para França porque já estudava a língua, pela qual sempre fui apaixonada. Escolhi uma cidade pequena, pois sempre morei com meus pais e preferi dos desafios, o menor. Falei com dois amigos, um que estudou seis meses em Montpellier e outro, em Anney, uma cidade em meio às montanhas com muita neve e frio. Sabendo disso, optei pelo universo mais diferente possível do que tenho em Florianópolis.

AUTOCONHECIMENTO

Este intercâmbio na França foi algo planejado durante muito tempo. Porém, nem todo planejamento, preparação e informação chegam perto do que se vai viver lá. Há muitos choques e autoconhecimento. A primeira dificuldade já começou no Brasil: a despedida. Depois, já nas primeiras semanas, percebi que a cidade era muito mais cara do que esperava, e administrar o próprio dinheiro foi um pouco difícil. A terceira – e última – dificuldade foi me adaptar ao sistema de ensino. A relação aluno-professor é completamente diferente da que tive no Brasil, as horas-aula das disciplinas são menores e o curso era muito gráfico. Das catorze disciplinas estudadas, gostei realmente de uma delas.

CHAVE DE OURO

Mas o ano não foi um desastre, como pode parecer. Fiquei de setembro a julho, com seis meses de frio. Isso pode ser um pouco depressivo porque vontade de sair de casa para festejar era quase nula. O lado bom de ir a poucos bares é que sobra dinheiro para esqui. Para fechar com chave de ouro o ano, fiz um estágio de 12 semanas no jornal da cidade, a melhor experiência que pude ganhar academicamente.

Método de cálculo de notas / Teoria de Resposta ao Item – TRI / SAT / TOEFL / Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb / Exame Nacional do Ensino Médio – Enem / UFSC / Professor do Departamento de Informática e Estatística da UFSC, Dalton Francisco de Andrade

Desvendamos a Teoria de Resposta ao Item



As referências da TRI

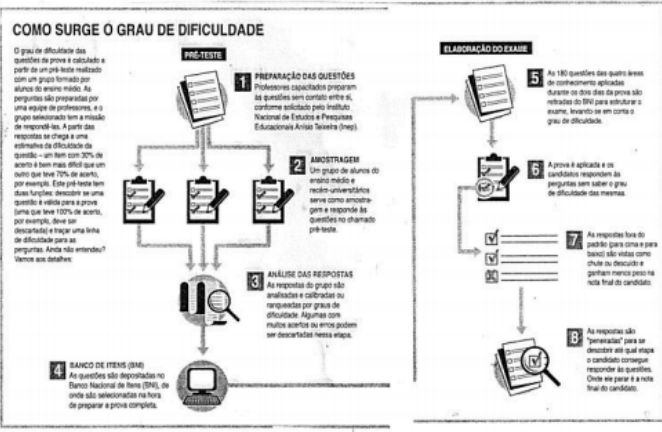
CARRELL, ROZA
geral@maiz.com.br

Dois estudantes terminando o ensino médio prestam o Enem juntos e ambos querem entrar para o mesmo curso. Alguns dias depois as notas são calculadas por um computador. O primeiro acertou a metade mais fácil da prova, mas errou todas as questões difíceis. O segundo fez o contrário - errou todas as fáceis e acertou a metade mais difícil. Como as perguntas têm pesos diferentes, de acordo com o grau de dificuldade, o candidato que acertou as mais complicadas tirou uma nota mais alta, correto? Errado, aquele que acertou as mais fáceis é quem se dá melhor. Ficou confuso? Então saiba que isso não ocorre apenas com você. E calma, nós vamos explicar como a avaliação funciona!

O método de cálculo de notas conhecido como Teoria de Resposta ao Item (TRI) pode parecer injusto à primeira vista, mas já é usado em testes consolidados do mundo inteiro desde a década de 1950 justamente com o objetivo de se alcançar uma avaliação mais próxima do conhecimento real do candidato. O SAEB, uma espécie de vestibular uni-

Áreas de conhecimento

- A prova do Enem é dividida em quatro áreas de conhecimento, que abrangem várias disciplinas, e mais uma redação. A redação é a única parte do exame onde os alunos podem alcançar a nota máxima de 100 pontos. Confira os assuntos por área:
- **Matemática e suas tecnologias:** trata as questões que envolvem cálculos, interpretação de gráficos e tabelas, comparação entre números e medidas de grandezas, entre outras. As questões são normalmente voltadas mais ao raciocínio lógico do que às fórmulas.
 - **Ciências humanas e suas tecnologias:** trata os assuntos de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. Aqui se concentram os temas relacionados às atualidades, além de ser cobrada a redação com conteúdo ligado às questões públicas, conflitos sociais e direitos humanos.
 - **Linguagens, códigos e suas tecnologias:** é a área que trata Português, Gramática, Literatura, Educação Física, Artes e Língua. O aluno pode escolher entre inglês e espanhol. Nesta parte a cobrança faz ênfase na compreensão de texto, leitura da decodificação dos textos das provas de português.
 - **Ciências da natureza e suas tecnologias:** integra os temas de Química, Física e Biologia. Como nas outras áreas, as questões buscam fazer o aluno relacionar o assunto com o cotidiano. Devem ser tiradas sobre energias renováveis, preservação ambiental, poluição, entre outros.



“Todas as questões contêm positivamente, com diferentes impactos no nível. Todas as questões também contêm, mais negativamente, variando conforme o grau de dificuldade daquela questão.”
TADÉU DA PONTE
Coordenador de avaliação Educacionais Provas Externas

“A nota é calculada em cima de muitas variáveis, e essa operação exige um cálculo complexo que o aluno não consegue fazer em casa. Não há como saber o grau de dificuldade das questões porque elas são todas relacionadas entre si. É impossível separar uma questão e dizer ‘essa é difícil’ ou ‘aquela é fácil’.”
DALTON FRANCISCO FRANCISCO DE ANDRADE
Professor do Departamento de Informática e Estatística UFSC

“A dificuldade das provas muda de um ano para o outro, apesar de não ser essa a intenção. A prova deve ser a variação das notas. É que mantendo o nível mais ou menos linear não se orientamos MEC para os autores da questão: não pode incluir ‘pegadinhas’ e ter um tamanho acaloradável para os enunciados, por exemplo.”
MATEUS REAS
Especialista em Enem e presidente do Instituto Inep

Para ficar entre os primeiros classificados

Na prática, as questões mais difíceis valem mais. Aquelas que todos acertam, somam menos pontos. Então é importante acertar muitas questões difíceis, mas desde que você acerte as fáceis também. De contrário, as dificuldades podem pesar demais à insatisfatória das respostas. Gaste um pouco de atenção nas questões que parecem simples à primeira vista, e se o necessário para ficar entre os primeiros. Se você tem facilidade com Matemática, tente-se também que as questões desta área costumam ser mais altas, juntamente por ser a disciplina com menos acertos entre os alunos. Se não se espanta que ainda tem a complicação: não está incluídas nas provas do Enem, que são as questões que valem mais.

– O que o candidato precisa fazer é passar por toda a prova, marcar a resposta com a cabeça leve e lembrar-se de 10% das vagas para ingressar no Enem.

Muita gente não entende!

Em 2012, 8,5 milhões de pessoas se inscreveram para a prova, em 2013, esse número aumentou para 7,1 milhões. Mesmo assim, uma parte considerável das pessoas não compreende o cálculo das notas: uma pesquisa feita pelo Inep este ano mostra que 82% dos estudantes entendem mais ou menos como funciona a pontuação, 10% não entendem e apenas 14% entendem muito bem.

Jornal Enfoque Popular – Everaldo Silveira (16/09/2013)

“Pré-Candidaturas”

Deputada estadual Ângela Albino / Araranguá / Prefeito Sandro Maciel / Conferência Municipal do PCdo B / Auditório da UFSC



PRÉ-CANDIDATURAS
A deputada estadual Ângela Albino (PCdoB) cumpriu agenda na região sul no final de semana. Passou por Criciúma, Içara, Maracajá, Praia Grande e Araranguá. Na Cidade das Avenidas, concedeu entrevista à imprensa, e participou de uma reunião com o prefeito Sandro Maciel (PT) e finalizou a agenda na Conferência Municipal do PC do B. No auditório da UFSC, além da escolha da Executiva Municipal, delegados e o presidente do diretório municipal, Fernando Espíndula, foram apresentados novos filiados. Destaque para a servidora pública Irene (que já concorreu a vereadora pelo PT), professor Nequinho (ex-conselheiro tutelar, vindo do PSDB) e professora Luiza (vinda do PMDB). Novidade da agenda foi o anúncio da pré-candidatura de Fernando Espíndula (presidente do Sindicato dos Servidores Públicos de Araranguá) e do vereador de Praia Grande, Edmitemer “Mitt” Aguiar a deputado estadual, e de Ângela Albino a deputada federal.

“Não adianta apenas contratar servidores. É preciso modificar o rito do licenciamento”
Presidente da Fundação do meio Ambiente de SC – Fatma, Gean Marques Loureiro / Curso de graduação em Direito da UFSC / Curso de mestrado em Engenharia de Produção da UFSC / Mata Atlântica / Polícia Ambiental / Licenças ambientais / Assembleia Legislativa / Governador Raimundo Colombo / Balneabilidade das praias / CPI da Telefonia / Acidente

[PeloEstado] Entrevista

“Minha recuperação está sendo rápida e surpreendendo até mesmo os médicos.”

GEAN MARQUES LOUREIRO

“Não adianta apenas contratar servidores. É preciso modificar o rito do licenciamento”

Nascido em Florianópolis, é formado em Direito pela UFSC e em Administração pela Univali, tem Mestrado em Engenharia de Produção na UFSC. Desde janeiro de 2013 é presidente da Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina (Fatma). Filiado ao PMDB-SC, iniciou na vida pública aos 19 anos, quando se elegeu o vereador mais jovem do estado. Exerceu mais quatro mandatos de vereador, todos em Florianópolis, sendo o último como presidente da Câmara Municipal. Atualmente é suplente de deputado federal. Em sua rápida passagem por Brasília, entre abril e outubro de 2011, chegou a integrar as Comissões de Defesa do Consumidor, Justiça e de Cidadania e Segurança Pública. Também já assumiu outros cargos no Executivo municipal. De forma cumulativa, exerceu as funções de secretário de Governo, secretário de Planejamento e secretário Regional do Continente. Em 2011, assumiu novamente como secretário municipal de Governo. Nesta entrevista exclusiva à CNR-SC/ADI-SC/Central de Diários, Gean Loureiro fala do pacote de projetos que encaminhará à Assembleia Legislativa para acelerar a análise e liberação de licenças



[PeloEstado] - O estado é sempre apontado pela baixa cobertura de vegetação nativa, especialmente da Mata Atlântica. Como está a situação hoje? O que tem sido feito para reverter o quadro?

Gean Loureiro - Na verdade, a cobertura florestal de Santa Catarina é grande. O problema é a baixa qualidade (baixa diversidade, vegetação em estágio inicial). Independentemente disso, estamos trabalhando em conjunto com a Polícia Ambiental e municípios na fiscalização rigorosa de supressão de vegetação sem autorização. Sem contar que as pessoas estão muito mais ativas, realizando denúncias e fazendo fiscalizações comunitárias.

[PE] - Como está o processo de liberação de licenças ambientais?

GL - A Fatma possui hoje cerca de 3 mil processos em trâmite. As regiões que mais demandam são as mais populosas (Florianópolis, Joinville, Blumenau, Chapecó, etc.). Obviamente que o número de processos é grande para a quantidade de técnicos no nosso quadro. Para isso, não adianta apenas contratar novos servidores. É preciso modificar o rito atual do licenciamento. Estamos com

o projeto finalizado para enviar à Assembleia Legislativa no próximo mês. Com o novo rito, vamos dar maior celeridade aos processos, desburocratizando-os e melhorando em qualidade.

[PE] - A Fatma tem escritórios regionais. Como atuam e de que forma ajudam a acelerar as análises no interior?

GL - As 14 regionais da Fatma estão espalhadas pelo estado justamente para estar mais perto do cidadão. Assim que assumi o órgão, fiz uma agenda de visitas a todas, procurando identificar problemas e melhorar ainda mais o atendimento. Cada uma tem técnicos especializados para dar celeridade aos processos, salvo em casos específicos, quando o processo vai para a sede em Florianópolis.

[PE] - Os municípios já estão preparados para analisar os pedidos de licença ambiental com estruturas próprias ou consórcios regionais?

GL - A maioria ainda não. A nossa intenção é que cada vez mais os municípios possam licenciar obras de impacto local, deixando a Fatma com os mais complexos. Com isso, vamos ganhar muito em agilidade e qua-

lidade. Por isso, estamos incentivando os municípios que possuem estrutura a licenciarem, dando capacitação e auxiliando nos processos. Ao todo, 42 municípios já licenciaram e 78 possuem convênio com a Fatma para autorização de supressão de vegetação.

[PE] - O governador Raimundo Colombo tem reclamado insistentemente da burocracia e o licenciamento ambiental é uma das etapas mais demoradas. Como resolver essa questão?

GL - Como falei, vamos encaminhar em outubro um pacote de projetos de lei à Assembleia Legislativa para mudar o rito de licenciamento ambiental em Santa Catarina. Um exemplo é a renovação automática de licenças. Na prática, o empreendimento que não recebeu autuação nos últimos cinco anos e não alterou o projeto original, vai poder renovar sua licença automaticamente. Isso vai diminuir bastante a demanda e a burocracia. O controle passará a ser, então, através da fiscalização.

[PE] - Santa Catarina é o principal destino turístico do país, porém, muitas praias apresentam problema de balneabili-

dade. O que está sendo feito além do simples alerta?

GL - Quando assumi o órgão, em janeiro, percebi que a Fatma estava apenas alertando os pontos próprios e impróprios, mas não ia além, não fazia ações para modificar o quadro. Mudamos essa prática. Entramos em uma campanha forte pela coleta adequada de esgoto, fazendo fiscalizações preventivas e identificando esgotos clandestinos, que é o principal motivo para a poluição nas praias. Estamos fazendo uma campanha educacional forte, com cartilhas e visitas de nossos educadores em escolas. Além disso, chamamos as prefeituras para contribuir na ação. Demos o primeiro passo, mas precisamos da ajuda de todos.

[PE] - Recentemente o senhor foi chamado para falar na CPI da Telefonia. O que a Fatma pode fazer para ajudar a melhorar o serviço?

GL - Provei durante o depoimento na CPI da Telefonia que o problema de sinal nada tem a ver com a licença ambiental no estado. São poucos os processos em trâmite na Fatma, a maioria por causa do próprio empreendedor, que não responde às solicitações do órgão para

complementar documentação. No entanto, para agilizar ainda mais, incluímos no pacote de projetos a intenção de tornar auto declaratória esse tipo de licença. Ou seja, o empreendedor vai receber a licença na hora que protocolar o processo.

[PE] - O senhor é suplente na Câmara federal. Quais os planos para as eleições de 2014? Ou vai esperar 2016 e tentar novamente a prefeitura da Capital?

GL - Se o meu partido permitir, quero me candidatar a deputado estadual em 2014. Mas, agora não estou pensando nisso. Quero trabalhar muito ainda pela Fatma e demonstrar aos catarinenses que tenho qualidade para representá-los.

[PE] - Como está sua saúde após o acidente na BR-101?

GL - Em primeiro lugar estou vivo. Vivo e consciente. Hoje já consigo me deslocar com andador e, nas próximas semanas, devo passar para a muleta. Minha recuperação está sendo rápida e surpreendendo até mesmo os médicos. Estou focado, fazendo muita fisioterapia para ficar bom logo. As coisas passam rapidamente e não podemos perder tempo.

CLIPPING DIGITAL

Clipping dia 10/09/13

<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/salamandras-amazonicas/>

Clipping dia 16/09/13

[Do descarte ao reuso](#)

[Semana do Trânsito de Joinville terá desafio e ações educativas até dia 29](#)

[Brasileiros elegem o Canadá como destino ideal no exterior para estudar e adquirir experiência profissional](#)

[Artigo: O Ministro Celso de Mello e Capitu](#)

Clipping dia 17/09/13

[UFSC é a primeira universidade brasileira a construir veleiro para pesquisa oceanográfica](#)

[Menos "ambulancioterapia"](#)

[Cerca de 40% dos leitos do HU estão vazios por falta de profissionais](#)

[Atalanta presente no seminário catarinense de agroecologia e produção orgânica](#)

[Seminário sobre envelhecimento busca recursos para políticas públicas](#)

[UFSC divulga editais para professor substituto e visitante](#)

[Fapesc apoia 8º Encontro Brasileiro de Hidroponia](#)

[UFSC comemora 16 anos de geração solar de energia elétrica](#)

[Jornalismo-ação e jornalismo-inércia](#)

[Cenas de um shopping](#)

[Unesc ganha destaque nacional e estadual no Ranking Universitário Folha](#)

[Exposição Internacional de Arte e Gênero em Florianópolis](#)

[Meteorologista Ronaldo Coutinho apresenta palestra nesta sexta em Coronal Vivida](#)

[Carros autorais](#)

[Professor da UEL concorre a prêmio para publicar livro](#)

[Aderbal Müller lança livro interativo para adultos](#)